

Dentro da análise psicanalítica da PhD Clarissa Pinkola Estés as estórias são bálsamos medicinais, elas não exigem muita coisa, somente a atenção ao ouvi-la, com calma e interesse, dessa forma “suscitam o interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo, nesse caso o da Mulher Selvagem”¹.

A Mulher Selvagem coleta estórias oriundas do seu meio, do seu entorno, da área em que nasceu e foi criada. Geralmente ela herda essas características e, como uma loba, sabe defender sua matilha, vive em comunidade, especialmente com a família. Adquire com eles a magia de contar estórias, dessa forma terá oportunidade de invocar o trabalho da alma, ampliando seus conhecimentos, desenvolvendo sua *psique*, aprimorando o *self* feminino.

Dentro desse conceito moderno a respeito das Cantadoras de Estórias, posso incorporar Eugênia Sereno, ou para os sambentistas... a Ditinha! Ela foi uma Mulher Selvagem que a vida toda esteve junto com sua matilha. Quando criança teve a família por perto, nas brincadeiras de rua, dentro de casa, nos estudos. Seu pai, o farmacêutico Luiz de Rezende; seu tio, o jornalista Plínio Esteves Salgado e, seu avô, o diretor Genésio C. Pereira, eram professores no *Externato São Luiz*, durante a época em que ela freqüentou a escolaridade Primária. Período em que seus parentes e, também, professores redigiam e imprimiam o jornal *O Alvor* e o *Almanaque de São Bento*, publicando informações jornalísticas e poemas, alguns deles assinados por Plínio Salgado. Nessa atmosfera literária a criança Ditinha era “meninota travessa como poucas em suas estripulias bem lembradas em São Bento do Sapucaí e Córrego do Cambuí”², segundo afirmou seu tio Plínio Salgado. Em meados da década de 1920, Ditinha, foi cursar a *Escola Normal do Brás* na cidade de São Paulo, seus pais foram juntos, o pai compôs farmácia no bairro para acompanhar o desenvolvimento escolar da filha que nessa época também estudou no *Conservatório Dramático e Musical de São Paulo*. Tornou-se excelente musicista, tocava piano, foi aluna de grandes mestres da música como: Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Mário de Andrade, Fructuoso Vianna e Schiafarelli. Após se formar como normalista (1930) ela e seus pais voltaram para São Bento do Sapucaí. Em 1937 foi lecionar na *Escola Coronel Ribeiro da Luz* sendo designada para a área rural *Escola Mista do Bairro da Capela do Bahú*, ali permanecendo por dois anos, exercendo a atividade de mestra. Em 1939 retornou a cidade de São Paulo onde no mesmo ano se formou em Higiênista Sanitária. Casou-se com Mário Graciotti, em sete de setembro de 1940, e foram residir no bairro de Perdizes, na capital. Junto com eles foram morar os pais de Benedicta Rezende Graciotti e os pais de Mário Graciotti. Neste contexto de preservação familiar podemos dizer que Eugênia Sereno era uma Mulher Selvagem.

Dentro deste aspecto abordado por Pinkola Estés, a Mulher Selvagem tem a voz mítica do passado, conhece as estórias ancestrais e mantém o registro delas para a geração atual, dessa forma mantêm o diálogo entre várias gerações. Nesse caso ela torna-se agente de coleta. Na verdade recolher estórias é uma sucessiva atividade paleontológica. Dentro desta perspectiva colocamos Eugênia Sereno como legítima escavadora e mantenedora do folclore de importantes regiões brasileiras: o Vale do Paraíba e o Vale do Sapucaí. Ao contemplar o leitor de *O Pássaro da Escuridão* com o folclore dessas regiões, Eugênia inovou marcando seu pronunciado. Toda contadora de estórias, ou como é denominada pelos psicanalistas atuais: *cantadora*, é guardiã de velhas estórias que lhe são transmitidas através dos tempos por parentes ou amigos que já se foram, mas antes, lhe passaram essa magia. Eugênia teve três fases onde fez a coleta: a primeira na infância, em sua casa no largo da Matriz de São Bento (ouvindo seus pais, tios e avós – já que não tinha irmãos e, por algum tempo, era a única criança na família), a segunda quando professora de escola rural no bairro da Capela do Bahú (ouvindo seus alunos, pais de alunos e moradores da redondeza), a terceira morando em São Paulo, no bairro Perdizes (ouvindo seus pais e os pais de seu marido). Na primeira fase ficava a par dos clássicos da literatura mundial, na segunda fase, os *causos* de assombramentos e da pobreza, na terceira fase, o misticismo italiano. Cada cantadora tem seu jeito próprio, sua forma peculiar de contar estórias. Eugênia deixou nos personagens das estórias contidas em *O Pássaro da Escuridão* a reiteração de sua marca – o vagalume. Vejamos: a bruxa matuta tem um colar de vagalumes no pescoço, o diabo babaquara possui no dedo mindinho um anel sempre aceso por causa de um pirilampo, o *lubisome* aparece na ponte tocando gaita e acendendo vagalumes, o *pantasma* da menina Moema aparece constelada de vagalumes que refletem outros vagalumes; em todo caminho traçado nas estórias eugenianas há vagalumes, até mesmo no cueiro do Menino Jesus tem vagalumes.

A sabedoria popular recomenda que entre o fim da tarde e o começo da noite as pessoas se reúnam para uma *contação de estórias*, mesmo na psicanálise dos contos de fada há esse parecer, entendemos que ao começar uma estória a noite aparece. É necessária a tal escuridão, ela vem sem se importar com

¹ ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1996, p.30.

² SALGADO, Plínio. *O Pássaro da Escuridão*. In: *Jornal Diário de São Paulo*, 1972.

hora e nem mesmo com lugar, basta começar uma estória para que “um céu estrelado e uma lua branca”³ apareçam sorrateiros no local, às vezes, uma estrela ali permanece por muito tempo. Na escuridão densa das estórias escritas por Eugênia Sereno os vagalumes são essas estrelas, se hoje há um estudo pela psicanálise dos contos de fada, há mais de meio século Eugênia Sereno registrou esse núcleo ideativo em seu livro. Coloquei aqui apenas um aperitivo, quem ler *O Pássaro da Escuridão* encontrará centenas de vagalumes iluminando as páginas do livro. Com esse olhar diferenciado Eugênia nos apontou para lembrança de que, antigamente, durante o lusco fusco, os vagalumes apareciam junto com as estrelas, “era assim... nem bem a boca-da-noite boceja e expele um vagalume de luzinha alada e no sorriso do Céu flameja uma estrela”. A hora do lusco fusco, o fim da tarde e começo da noite, o *Ángelus*, certamente foi um horário de grande importância na vida de Eugênia Sereno, pois consta em seu registro de nascimento que ela veio ao mundo dia 13 de setembro de 1913, às seis horas da tarde, exatamente. Nasceu em São Bento do Sapucaí, na casa ao lado da Matriz que, religiosamente, todos os dias anunciam as três Avemarias através dos toques dos sinos, às seis horas da tarde. Então, no momento em que ela nasceu os vagalumes lampejavam e os sinos entoavam cantos de louvor. Por isso na iconografia de sua obra estão: o *Sino*, a *Lua*, a *Coruja* e o *Vagalume*.

Para a preservação do folclore regional paulista e mineiro é necessário ler Eugênia Sereno. Dentro da obra há milhares de expressões culturais regionais, algumas esquecidas, outras que permanecem até hoje no linguajar do valeparaibano e do sulmineiro.

Depois do casamento, em 1940, a sanitarista Benedita Rezende Graciotti tornou-se a dona de casa Ditinha, isso porque não exerceu a função pela qual foi certificada pelo *Instituto de Higiene de São Paulo*. Enquanto seu marido Mário Graciotti inovava, fomentando, através do *Clube do Livro*, uma biblioteca em cada lar brasileiro, Ditinha redigia, escondida, uma obra imortal, que só veio ao público em 1965, pela *José Olympio Editora*. Para não ser estigmatizada como esposa de Mário Graciotti, ela fez questão de um pseudônimo e da publicação ser feita por uma editora que não fosse do seu marido. Os críticos da época se curvaram perante a grandiosidade da obra, Barros Ferreira alertou que estavam “diante de uma obra em prosa de maior concentração poética dos últimos vinte anos. Um livro marcante, destinado a tornar-se um divisor de gêneros e épocas... O tempo o dirá”, em crítica publicada no jornal *Diário de São Paulo*. Sim... o tempo está dizendo. Diz que muitos não conseguem ainda entender *O Pássaro da Escuridão*, alguns nem mesmo conseguem lê-lo com atenção, por se tratar de uma obra densa, hermética, onde o erudito alinhava cada frase, onde o mítico perscruta conhecimento, onde precisamos estar atentos às entrelinhas. Ainda mais que, hoje, o imediatismo grita regras para o mundo globalizado, onde não há tempo para ler um livro que contenha mais de 500 páginas, degustar palavras e decodificar valores.

Em 1966, Eugênia Sereno recebeu o prêmio *Jabutí Categoria Literatura*, como *Autor Revelação*, um ano em que grandes escritores foram também premiados com essa estatueta, dentre eles: Lygia Fagundes Telles, Antônio Cândido, Érico Veríssimo, João Cabral de Melo Neto e José Mauro de Vasconcelos. Em apenas sete anos de criação dessa láurea este quadro de premiados já formava a constelação áurea da literatura nacional. Então... por que Eugênia não ficou tão conhecida quanto eles? Questionamento que levamos aos amigos dela, eles fizeram questão de falar a respeito. Eugênia Sereno era mais Ditinha Graciotti, a dona de casa, a mulher que gostava de ficar horas e horas em sua biblioteca cercada de livros por todos os lados, escrevendo e reescrevendo. Sim, foram quatro reedições que trazem em si a marca: *revista, refundida e completada*. Hernani Donato, literato amigo de Ditinha e Mário Graciotti, nos atenta de que, como Eugênia Sereno não podia gerar um filho de seu ventre, gerou um de seu intelecto. A casa dos Graciottis Ditinha/Mário era sempre freqüentada pelos ícones da literatura nacional. Esses amigos ficaram estupefatos ao lerem a primeira edição de *O Pássaro da Escuridão*. Alguns chegaram a perguntar a Ditinha se fora ela mesma quem o havia escrito, e outros perguntaram ao Mário Graciotti se fora ele quem o escrevera. Mário sempre respondia dentro de sua integridade moral que nem mesmo tinha lido uma linha sequer antes que o livro fosse finalizado, na verdade quando sua esposa comentou que escrevia um romance ele a desestimulou a isso. Talvez por todas essas questões seja que Eugênia tenha se tornado uma reclusa, ou pela doença, ou... as duas.

Em 1973, em carta para José Luiz Pasin, Eugênia Sereno declarou que “por motivos de problemas psíquicos emocionais, que me obrigam ao uso de tranqüilizantes e soníferos, sou impedida de viajar (...)”⁴, mostrando seu quadro doentio. Ela possuía a síndrome do Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC, manifestado nela gerando o contínuo ato de lavar as mãos, de não tocar em algo que alguém já o tivesse feito, de não encostar-se em algo sem uma proteção, mesmo que essa proteção fosse apenas um jornal. Suas mãos sangravam de tanto serem lavadas. A doença a consumiu. Mário deixou registros a esse respeito em seu livro *Os Deuses Governam o Mundo*. Para entender Eugênia é preciso ler Mário Graciotti.

Benedita Rezende Graciotti faleceu no dia três de maio de 1981. Nessa época moravam somente ela, Mário e o filho adotivo Ronald Graciotti na casa da rua São Geraldo, em Perdizes. Lugar onde também

³ ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1996, p. 567

⁴ SÊDA, Rita Elisa; GABRIEL, Sônia. *Eugênia Sereno: A Menina dos Vagalumes*. São José dos Campos, Editora ComDeus, 2010, p.226.

faleceram os pais de Mário Graciotti, os pais de Eugênia Sereno e Mário Graciotti. Nas revisões que Eugênia Sereno fazia, a cada nova edição de seu livro, ela sempre modificava algumas coisas, palavras, frases e até mesmo parágrafos inteiros foram excluídos ou acrescentados. Uma das alterações foi a respeito de seu pai, Luiz de Rezende, que ela disse que depois da morte do pai ficou desamparada e triste, pois o pai foi seu grande amigo, quem a acompanhou durante a vida... e, pelo visto, também na morte, pois Benedicta Rezende Graciotti faleceu no mesmo dia em que era aniversário de morte de seu pai. Hoje estão juntos, no mesmo jazigo, no cemitério dos Protestantes, na cidade de São Paulo. Deixo aqui um alerta: depois que faleceram Mário Graciotti (1994) e Ronald Graciotti (2002), sem ter alguém responsável pelo jazigo da família, o cemitério está contestando a manutenção do túmulo. Quem for até o cemitério, leve *O Pássaro da Escuridão*, sente-se em um banco diante do túmulo simples e belo, preste uma homenagem à maravilhosa escritora.

Ainda há muito para escrever a respeito de Eugênia Sereno. O livro *A Menina dos Vagalumes* é apenas uma porta para os que pretendem adentrar à mítica eugeniana. Espero que os leitores de *O Pássaro da Escuridão* leiam *A Menina dos Vagalumes*, até mesmo para trocarmos idéias, e os da *Menina dos Vagalumes* leiam *O Pássaro da Escuridão*. Só assim entenderão esse ensaio biográfico a respeito desta escritora que evidenciou fortes raízes de brasilidade, formando uma ponte de identidade folclórica entre o Vale do Paraíba e o Vale do Sapucaí.

Rita Elisa Sêda

www.palavrasdeseda.blogspot.com

Tel: 012 30275292

Quem quiser adquirir o livro Eugênia Sereno *A Menina dos Vagalumes* entre em contato com a autora.

Rita Elisa Sêda é santarritense de nascimento, joseense de coração e vilaboense de alma. É cronista, poeta, biógrafa, fotógrafa e jornalista. Agraciada com a **Sala de Leitura Rita Elisa Seda** na **EMEF. Prof. Geraldo de Almeida**, São José dos Campos. É membro da **UBE** – União Brasileira de Escritores, da **REBRA** – Rede de Escritoras Brasileiras. Pertence à Academia Valeparaibana de Letras e Artes, **AVLA**; Academia Joseense de Letras, **AJL**. Fundadora e Diretora Cultural da *Cia de Teatro FarriCora*, GO. Há mais de uma década tem crônicas publicadas nos jornais: *O Vale (Valeparaibano)*; *Visão Leste*. Atualmente possui no mercado editorial: *Editora ComDeus - Ciber@migos pontocom* (romance); **TROFÉU** (crônicas); **Retalhos de Outono** (poesia); **Eugênia Sereno A Menina dos Vagalumes** (biografia). Editora *Santuário: Fábulas para Seishum* (fábulas), *Pipa Guerreira* (romance). Editora *Idéias e Letras*: **Cora Coralina: Raízes de Aninha** (foto-biografia).